

33º Encontro Anual da ANPOCS

GT 38- Subjetividade e Emoções



Mulheres prostitutas e suas famílias: um estudo sobre o sentimento de família, maternidade e honra entre mulheres prostitutas na cidade de Marília- SP

Natália Cristina Marciola Sganzella (mestranda)
Marcos Pazzanese Duarte Lanna (Orientador)

Caxambu
Outubro/2009

Introdução

Este trabalho deseja refletir sobre algumas questões apreendidas em meu campo de pesquisa, com mulheres prostitutas, realizado durante o primeiro semestre de 2009, na cidade de Marília. Como já descrito no título desejo explorar as noções de família, honra e maternidade baseando-me nos produtos das conversas cotidianas realizada com mulheres que exercem a atividade de prostituição de rua na cidade de Marília. Esses diálogos, mantidos com cerca de sete mulheres, foram realizados durante e fora de seu expediente de trabalho. Eleger como objeto de reflexão a família e a maternidade tem como relevância a importância desses elementos na vida de suas autoras.

É possível perceber um deslocamento na perspectiva dos estudos de prostituição no Brasil. Em um primeiro momento, os estudos apresentavam um discurso de enquadramento da prostituição como uma chaga social, através da descrição da precariedade moral e social¹ das mulheres, pautando-se no discurso da vitimização, da pobreza e da doença (cf. Pasini, 2005). Esse discurso, carregadamente ideologizado por valores morais, foi reforçado ao longo dos séculos XIX e início do XX pelo discurso médico – científico. Esses funcionaram como válvulas para inserção de práticas higienistas nos corpos femininos. As práticas médicas e policiais trabalharam eficazmente no sentido de garantir o “controle dos corpos”. No entanto, a prostituição extrapola o sentido de uma doença que se restringe ao corpo da mulher, e se mostra como uma doença do corpo social, tendo necessidade de ser combatida e cerceada. (Rago, 1991).

A prostituição foi combatida pelas diversas “forças morais”, porém o insucesso de seu fim elevou-a ao status “mal necessário” da sociedade, um de seus calcanhares de Aquiles. Se por um lado, a batalha perdida teve de ser engolida, por outro foi necessário separar os corpos “desviantes” dos “sadios”. Rago (1991) aponta para o amplo aparato médico e social utilizado para ilustrar as diferenças entre a esposa/mãe/privada da meretriz/mulher/pública. Se barreiras físicas não foram capazes de decretar o fim do “mal social”, será no corpo que se marcará os limites da sexualidade entre a normalidade e a perversão cada qual traçando limites claros entre as posições femininas na sociedade. É

¹ Como referência da forma de visão ver Lagenest (1973)

impressionante ver como ainda hoje os resquícios dessa mentalidade ressoam sobre as “políticas” quando lidam com esse grupo social.

Os estudos sobre prostituição fiam-se por diversas áreas de conhecimento, esse trabalho terá como foco as pesquisas em Ciências Sociais, principalmente as que são constituídas por uma linha sócio-antropológica. Tal recorte, dentro da produção bibliográfica das Ciências Sociais, deve-se a variação da forma como é conduzida a perspectiva sobre prostituição. Essa perspectiva pauta-se em estudar o universo que circunda a prostituição e não tem o intuito de explicar ou descrever quem é a prostituta e sua atuação no espaço (cf Pasini, 2000). A construção proposta por autores como Bacelar (1982), Gaspar (1984), Freitas (1985), Perlongher (1987), Moraes (1995), Fonseca (1996), Pasini (2000; 2005), entre outros visa não apresentar apenas a prostitutas, mas também a mulher que atua na prostituição e com ela todo um conjunto de relações, de vivências, de conflitos passam a compor o cenário. A riqueza e a potencialidade das narrativas de cada autor contribuem para colorir e descrever esse universo da prostituição, que passa a descaracterizar discursos onipresentes como a vitimização, exploração, pobreza, mostrando um conjunto diferente de interações, associações, que produzem um “olhar” que permite enxergar o mundo “dentro” e “fora” da prostituição, a partir das narrativas de suas autoras.

Brevemente desejo expor as considerações de alguns desses estudos como elementos ilustrativos apontando as contribuições para esse estudo. Autores como Gaspar (1984) e Freitas (1985) utilizam-se da perspectiva interacionista e na teoria do desvio como recortes para suas análises. Gaspar (1984) pesquisou boates e apartamentos freqüentados por garotas de programa na região de Copacabana- Rio de Janeiro, usando como método de pesquisa a observação direta nas boates, relata em seu trabalho as limitações que encontrou durante a pesquisa devido a mobilidade de suas informantes em trabalhar em vários locais, o que não permitia um aprofundamento das relações entre ela e as mulheres. Para “sanar” essa “superficialidade” das relações, ela construiu uma rede de informantes como clientes, amigos, donos das boates, além da convivência com algumas garotas fora das boates, quando decidiu fixar-se no período da pesquisa em um apartamento cuja vizinhança era de garotas de programa. A perspectiva interacionista é usada, em Gaspar (1984), para explicar os “limites” acionados pelas garotas como forma de registrar no corpo os espaços públicos e privados para o afeto. Freitas (1985) pautado

como Gaspar (1984) nas perspectivas interacionista e do desvio trabalha com a negociação de identidades das mulheres prostitutas durante o encontro sexual. O autor explora a perspectiva de uma “identidade da prostituta” da qual caberia a mulher que desempenha aquele papel certas atribuições. O corpo é o meio de diferenciação entre o cliente e o relacionamento afetivo, seria incumbência da mulher fazer as separações cabíveis: proibir ou permitir ao cliente o acesso a determinados domínios não negociados. Para o autor, o programa consiste em um contrato que organiza a relação entre tempo, preço e atividade sexual desempenhada. O que se torna valioso em sua análise é a percepção da possibilidade de escolha da mulher prostituta em permitir que seu cliente atinja “gestos e atitudes privadas” como beijos, tocar os seios entre outras coisas que seriam permitidas apenas aos relacionamentos afetivos. Este autor propõe uma “porosidade” da identidade que transita de acordo com a “vontade” da mulher prostituta.

Com viés sociológico, Moraes (1995) estuda uma zona de prostituição no Rio de Janeiro. Tal como Freitas (1985), as mulheres da zona da Vila Mimosa residem em seus locais de trabalho, fazendo com que haja uma sobreposição entre o lugar de moradia e o lugar de trabalho. A autora pensa como a confluência de espaços vai gerando uma situação mestiça na vida das mulheres prostitutas, que entendem a vila como tendo vários significados, assim também devem ser entendidos seus corpos como pertencentes a esse componente multifacetado de relações. Pasini (2005) buscando pesquisar os “frequentadores” da Vila descreve as relações entre o homem e a mulher prostituta, se a relação não envolve afetividade a permanência na Vila é tolerada, ao contrário do que acontece se esta torna-se sua esposa. A autora mostra a incompatibilidade entre a virilidade do homem que tem sua “honra” em questão quando a mulher eleita como esposa frequenta as “casas”.

O trabalho realizado por Fonseca (1996) insere um elemento inovador para as pesquisas sobre prostituição, sendo este a presença do marido ou de uma figura afetiva estável como um elemento constituinte do cotidiano dessas mulheres. Ao analisar a mulher-prostituta, de idade superior a 40 anos, em uma praça central na cidade de Porto Alegre, ela ressalta a presença dessas mulheres diluída em meio a outros grupos que dividiam a mesma praça. Através da sua aproximação e da percepção dos discursos e códigos de conduta, ela pode decodificar a peculiaridade de um grupo de mulheres. Estas mulheres, que também eram prostitutas, não usavam mais como meios de “negociação”

os artifícios da beleza e da juventude, mas desenvolveram meios próprios de se relacionar com este universo. Um dado importante nesta pesquisa é a presença do “velho²” e a relativização da aparência como critério de identificador da mulher prostituta.

Na perspectiva de explorar o cotidiano da prostituição, temos os trabalhos de Perlongher (1987) e Pasini (2000). A idéia desses autores conflui em diversos pontos, como o foco na prostituição de rua, ressaltado as especificidades de cada um deles, Perlongher estudou a prostituição viril e Pasini (2000) as mulheres prostitutas, ambos nas ruas de São Paulo, dedicaram-se a compreender a prostituição nos territórios onde se desenrolavam. Perlongher (1987) propondo-se a seguir os fluxos entre clientes e michês, usou da prática do *trottoir* para vagar nos pontos, atrás de seus sujeitos, compreendendo assim os fluxos de desejo. Pasini (2000) com o objetivo de estudar os limites simbólicos e corporais fixados pelas mulheres prostitutas descreve substantivamente o entorno de seu campo de pesquisa: a rua como um lugar de se socializar, de trocar informações de beleza, não comendo apenas de um lugar de trabalho. A autora mostra como a rua como espaço mostra-se como uma possibilidade de dividir as vivências, dentre outros aspectos. O detalhamento das ações das mulheres prostitutas para dar forma ao seu mundo, a presença de relações de poder na rua, a convivência com namoradas, moradores, clientes aproximam-se do universo de pesquisa que tenho me deparado, muitas das indagações da autora apresentam-se no cotidiano no qual me insiro.

Bacelar (1982) estudou a região na zona do Maciel na Bahia, com o desejo de estudar a família das prostitutas, tendo como grande diferencial das outras pesquisas, os “programas” realizados pelas mulheres eram na própria residência das mulheres. Se embora o local não se diferenciasse, para a pessoa existia uma separação entre seus momentos na atividade ou não. Como exemplo, pode-se citar a ida dos filhos a escola para a disponibilidade da casa em se fazer programas. Respaldo pela teoria do desvio³, o autor conclui que as mulheres seguem as ordens prescritivas de casamento como exogamia e incesto. E que mesmo no contexto de miséria, desvio e patologia conseguem estabelecer vínculos afetivos de familiaridade e amizade. Sugiro que esta análise do autor, pautada na noção de desvio, aloque a prostituta como um elemento “pária” da

² Cliente que mantém financeiramente a mulher em troca de exclusividade sexual.

³ Teoria de Howard Becker;

sociedade. Ao dizer que as famílias das prostitutas seguem padrões tradicionais de constituição familiar como o respeito a regras de matrimônio incorre na frágil idéia de que a “identidade desviante da prostituta” faria dela um sujeito alheio aos padrões culturais, sociais e econômicos aos quais todos são socializados.

A descrição de todos esses trabalhos teve como fim justificar essa tendência de deslocar o olhar da “figura da prostituta” e projetá-la para outros campos da experiência da vida das mulheres. Essa pesquisa tinha como seu objetivo inicial buscar o acesso aos outros contextos de vivência das mulheres, mas com o passar do tempo, percebi que não é necessário adentrar a intimidade para compartilhar as experiências privadas. Estes contextos são materiais vivos e presentes nos diálogos diários que travam entre si.

Entre idas e vindas: A honra do marido, a liberdade da mulher

Os temas privilegiados nos diálogos entre as mulheres tinham sempre a marca do ambiente privado. Falam dos filhos, dos vizinhos, das contas, das compras, saúde e sustento material; as solteiras falavam de seus relacionamentos, todas falavam das colegas e muito dos clientes. Os períodos que passei sentada na soleira das lojas com as mulheres foram marcados por muitos momentos de risadas e outros mais tristes. A maioria dos momentos foi regada pelo humor, por risadas e falas animadas provenientes das insinuações de duplo sentido, que sempre acabavam por me ruborizar. Lembro-me com exatidão, a relação direta entre o aumento do volume das vozes e a passagem de carros vagarosos com seus clientes.

Tal qual em um cenário, os episódios contados pelas mulheres possuíam seu grau de dramaticidade, os gestos e tom de voz entoavam a marcação do que se desejava explorar. Fonseca (1991) fala da importância do modo de expressão oral em grupos populares, faço uso de sua descrição para ilustrar as formas como as mulheres encarnam/materializam os produtos da memória. Os fatos narrados ganham vivacidade através das expressões do contador. A mudança fisionômica, o reavivamento do diálogo transcorrido,

A corporalidade das informações manifesta-se de diversas maneiras. Entre as lembranças de pessoas e lugares, figuram referências constantes a comidas, barulhos, doença e dores. Para me descrever a crise cardíaca que matou seu marido, a viúva passa primeiro em revista o cardápio de tudo que ele comeu [...] O narrador, para descrever o mais banal acontecimento, se toma ator -

como se achasse só as palavras sem graça, como se fosse necessário completá-las com outra linguagem. (Fonseca, 1991:5)

Assim como Fonseca (1991), Caldeira (2000) ao pensar na fala do crime, como evento que reorganiza a experiência individual, mostra a riqueza dos detalhes e o entrelaçamento entre os fatos antes e após a ocorrência do crime e como as expressões passadas povoam a lembrança presente. Esta ordenação transcorre como um divisor de águas na experiência do indivíduo. Sugiro que a maternidade na vida das mulheres prostitutas tenha essa eficácia na organização dos eventos de sua vida. Os diálogos são permeados pela experiência da maternidade, ora postos em relação da diferença de suas mães para com elas e elas em relação aos filhos.

Descrevo três experiências que compõem o ‘corpo de baile’ de minha pesquisa, pois são mulheres cuja relação ganhou um ar mais intimista. São as histórias familiares de Zilda, Silvia e Jéssica que, contextualmente, dão corpo aos conceitos de família, maternidade e honra. Fonseca (1996) mostra em seu texto a centralidade das relações familiares para as mulheres prostitutas, oriundas das camadas populares. Como dado de pesquisa entendo que suas experiências biográficas não se desenrolam de forma tranqüila, mas sim tensionada por fios que envolvem brigas e mentiras (aos filhos) para sustentar sua estrutura familiar. Utilizo as falas como substrato da análise, pois são a partir das narrativas e tomando com seriedade o que minhas interlocutoras dizem que apresento alguns desses momentos.

Nossa! Quando o crack chegou em Marília, isso a uns 15 anos atrás, eu era novinha ainda, eu comecei a usar e é tudo assim, você vai na maconha, depois o crack. O crack vicia muito, você só quer saber dele e toda hora. N: Você já chegou a ficar virada? Z.: Vixi direto. O crack mata rápido e você tem que muita opinião pra sair dele. Eu dou graças a Deus que meu irmão tá preso, porque se ele sair, ele morre, ele tá com uma dívida de R\$7000,00 na boca e se ele sair de lá matam ele, eu rezo pra ele ficar lá. Eu sei depois que engravidei do meu menino, tive muita, opinião, você não tem idéia do quanto, mas eu tenho mais dois irmãos que estão no crack. A casa da minha mãe parece uma boca de tanta fumaça. Minha casa é colada com a dela, mas eu não deixo meus filhos irem lá. Pra aprender é um pulo, eles

sabem o que é, mas ai deles se usarem. (Diário de campo, abril/2009-Zilda)

Zilda possui quatro filhos, tem por volta de 35 anos de idade, atualmente é casada⁴ há cinco anos com um jovem de vinte anos de idade, pai de seu último filho com nove meses. Há doze anos na prostituição, natural da cidade, disse sempre ter trabalhado pela redondeza. Embora nesse relato tenha dito que parou de fazer uso do crack em outro momento ela relatou ter usado muito durante sua última gestação como forma de atingir o marido. A situação matrimonial de Zilda, segundo relata, é permeada por violência física e simbólica, por parte de seu marido. Se por um lado coíbe seus filhos de visitar a avó, por outro seu companheiro leva situações de violência para o interior de sua casa. Quando é interpelada sobre porque não abandona o marido, ela relata a importância da presença física de um homem na casa como seu companheiro e como referência para seus três filhos homens. A figura masculina para Zilda é mostrada em diversos momentos como ao dizer que,

ele é meu vício, é pior que crack, eu tive oportunidade de encontrar um homem bom que me tirasse da vida e eu não quis ele, burrice minha, mas não sei que acontece eu sou dependente dele, os menino gosta dele também. Nós temos que assumir a consequência dos atos e ele é a minha (Zilda)

O sentimento afetivo somado a presença masculina na casa tem um aspecto mais simbólico do que material. Zilda disse que existe apenas um limite que a faria perder a cabeça em relação aos companheiros, ela não saiu da rua (como acontece temporariamente com muitas mulheres que falaremos a seguir), pois é a provedora financeira da casa. Somando os programas, as assistências financeiras do governo por ter filhos em idade escolar, ela consegue realizar o sustento da casa. Ao jovem cabe o cuidado dos filhos quando ela sai para trabalhar e também a feitura das atividades domésticas diárias. A figura do marido é importante no funcionamento do lar, mas a ele é vetado qualquer autoridade de repreender os filhos dela, a não ser que seja a criança filha dele. Sempre altera o tom da voz quando imagina a possibilidade de seu marido bater em suas crianças.

⁴ Casada aqui não se remete ao matrimônio legal, mas a co-habitação por mais de dois anos (cf. Pasini, 2005)

Ela diz que as brigas do casal oscilam sempre pela sua profissão e também pela agressividade dele sendo mau exemplo para as crianças. Pasini (2005) e Fonseca (1991) falam do aspecto relacional da honra masculina, há uma interdependência da figura masculina ao comportamento feminino. Fonseca diz

subjacente ao medo masculino de ser chifrudo, existe o raciocínio de que, se o homem não sustenta bem o seu lado da barganha, a mulher não vai manter o dela. Em outras palavras, se o homem não oferece à mulher um nível adequado de conforto, ela não tem a obrigação de ser fiel. Isso não quer dizer que um homem aceite a libertinagem de sua mulher. Muito pelo contrário. A não-aceitação explica os inúmeros mecanismos de enclausuramento e as injunções contra o trabalho extradoméstico da mulher. (Fonseca, 1995:9)

Durante o período da pesquisa e da continuidade do relacionamento com as mulheres prostitutas existe um evento rotineiro na vida das mulheres prostitutas. Com exceção ao caso de Zilda que vive a experiência do matrimônio associada ao cotidiano da prostituição. Gilda também não interrompe suas atividades na rua quando inicia um relacionamento, a maioria deles representa pequenos romances passageiros. De todas as mulheres com as quais convivi, três são casos ilustrativos da idéia inconciliável em se levar um relacionamento e manter a atividade na rua. Reafirmando a idéia da honra masculina presente em Fonseca (1991) os relatos das mulheres apontam sempre para a interrupção dos programas enquanto dura o relacionamento, posteriormente ao fim da relação elas voltam para rua para conseguir sustentar-se novamente. Marta fala do ciúme do atual namorado em vê-la conversando com suas antigas amigas de ponto, disse que ele acha que ela está marcando algo. Mesmo deixando a vida e estando grávida do rapaz.

De acordo com Bourdieu (1999), as diferenças anatômicas visíveis associadas ao habitus fazem da ordem social uma condição de predominância simbólica masculina. Essas diferenças anatômicas moldaram as diferenças sociais, essa relação se reinscreve diretamente na produção dos corpos cheios de especificidades de gênero. Se pudéssemos dizer esquematicamente qual a relação entendida aqui seria esta: a diferença, elemento básico e constituinte do social, marca a condição dos corpos, que por sua vez são classificados de modo que outrem seja relacionado na ordem lógica. Esse elemento relacional é produzido e classificado como corpos diferentes culturalmente e com

atribuições sociais específica. O gênero como parte desta lógica produz corpos sexualizados e assimétricos. Pasini (2005) apresenta dados semelhantes a esses que reiteram a idéia de que os homens não aceitam que suas companheiras efetuem os dois papéis de esposa e prostitutas. Quando questionei uma delas sobre qual o momento em deixar a “vida” para viver o relacionamento e como era a passagem, a relação de confiança, duas delas me disseram que provar o sentimento para o homem corresponde a sair de rua, sacrificar-se em ser o que o homem sonha, como uma espécie de gratidão. A falência desta expectativa pelo que tenho visto desembocam em dois contextos ou a violência contra a mulher como é o caso de Zilda ou o abandono como foram os casos de Marta e Selma.

Porque o homem é assim, ele não quer uma prostituta para esposa e quem ia querer? Então tá certo dá parte deles e não tá também, se me conheceu aqui ou em outro lugar e sabe o que eu faço não devia ter vergonha, mas tem, quando a gente gosta, aproveita e faz os gostos dele, mas não devia não, porque ele arruma outra, ai fica o filho e toca vir pra cá e brigar por pensão. (Marta, namorando).

Eu vou falar uma coisa pra você, hoje, graças a deus, minha mãe mora com meu padrasto em Itu e já faz 17 anos que eles tão junto. Minha mãe era dessa vida aqui também. Tenho mais duas irmãs que são também. Uma delas é madrinha da minha mais nova, a Suzi, você conhece, né? (faço uma afirmativa com a cabeça). Meu pai biológico batia em minha mãe e eu tenho lembranças desses atos do tempo que eu morava em Campinas. Meu padrasto é um santo homem, criou nós três e tirou minha mãe do sofrimento, não tenho do que reclamar. Um dia eu acho que vou achar um pra mim também e ai tchau, é muito sofrido isso aqui (Selma, solteira)

Rindo muito dizia: “Eu tinha 10 ou 11 anos quando fugi de casa, eu e umas amigas íamos na casa de umas travestis, veado sabe né? E eles se encantaram por nós e nós pela vida deles. Poxa, faz um cálculo, bebia, dançava e pagavam pra poder comprar roupa, sapato. O fato da gente dança bem fez com que as travestis sugerissem pra irmos a

Rio Preto e ganhar dinheiro em uma boate. Na hora pus umas roupas na mochila e peguei o ônibus na rodoviária, eu tinha jeito de moça e ninguém me pediu documento, eu larguei da escola e cai no mundo. Minha mãe ficou louca atrás de mim colocou policia e tudo. Só que eu era pinta e fui descoberta.”[...] Começamos a falar sobre educação o que sempre traz o assunto filhos, vi que uma linha levantou-se em seu rosto, a boca perdeu seu ar de sorriso, mexeu no cabelo e arrumou os óculos. Ela disse que havia voltado a fazer o supletivo na N., onde reside. Disse que seu sobrinho, o filho de Suzi, havia deixado a escola, a filha de Selma também. A filha de Selma estava morando com Suzi, pois também abandonou a escola. Silvia disse que estava morando no apartamento da mãe, que foi embora pra Itu. Ela enfatizou que não deixará seus filhos saírem da escola, ela tem dois filhos jovens, um de 12 e outra de 7. (nota de campo, 01 de junho de 2009-Silvia)

Selma possui três filhos com idades que variam dos dez anos aos três. Ela exerce a atividade já há quinze anos. Como sempre diz, ter uma casa “normal” com marido é um sonho que ela sempre remete nas conversas, mas orgulha-se de criar os filhos sem a interferência dos pais ou de qualquer outro homem. Assim como ela, as suas duas irmãs também mulheres prostitutas, que moram no mesmo prédio, criam seus filhos conjuntamente. As três ajudam-se mutuamente, pois não possuem contato com o resto da família que reside em Marília. Quando questionei o porquê, esta me disse que o fato de sua mãe ter se iniciado nessa profissão para sustentá-las, afastou-as dos outros parentes. Assim os laços entre as quatro mulheres (mãe e três filhas) se fortaleceram, pois além de irmãs e filhas são comadres. (explorarei esse assunto mais adiante)

Nas literaturas sobre prostituição, sobre famílias de camada popular e nas conversas cotidianas torna-se recorrente ouvir essa configuração de família, da “unidade mãe-filhos”. É importante ressaltar que não se faz aqui nenhuma correlação direta entre a “unidade mãe-filhos” e a prostituição, apenas que as mulheres prostitutas, nesses casos, se enquadram nesse segmento de mulher, chefe de família e da casa.

Sarti (1995), ao discorrer sobre as mães solteiras⁵ diz que estas suportam moral e financeiramente sua casa e seus filhos, elas atribuem para si “o valor associado a

⁵ Este termo é usado por Sarti, por isso seu uso nesse trecho.

coragem de quem enfrenta as conseqüências de seus atos” (Sarti, 1995, 53). Sarti (1995) fala em “coragem”, Fonseca (1995) e Pasini (2005) falam em “valentia”, esse atributo de gênero que definiria na estrutura familiar o papel masculino é encontrado como elemento do universo feminino, das mulheres que como mães que se posicionam como figura forte necessária para suportar a casa simbólica e financeiramente.

O resultado das conversas com essas mulheres revelam sua preocupação com uma ocupação que visa o sustento da família. As falas inseridas nos textos de Sarti (1995) e de Bacelar (1992) são comparáveis, elas apresentam uma espécie de código de honra feminino que envolve a responsabilidade da criação dos pequenos. A mulher/provedora ao sustentar seu filho acessaria uma “autonomia moral” semelhante ao do homem/trabalhador/provedor. O que se deseja fazer neste trabalho é apontar uma positividade na “unidade mãe-filhos”, no entanto, é recorrente escutar das mulheres prostitutas, que elas sofrem com os olhares por sua dupla condição, à medida que se entende que uma prostituta não pode ser uma mãe digna. Nas falas, até mesmo as mulheres passam a reproduzir, que o esforço de sustento da casa e da criação dos filhos não pode ser reconhecido e apresentado aos filhos, pela profissão que elas exercem.

A “honra”, “valentia” e “coragem” remetem a atributos do universo masculino, mas encontro-as como elementos da personalidade dessas mulheres, diante da ausência da figura masculina ou no caso de Zilda, que existe, mas que não representa uma autoridade efetiva (não cabe o sustento da família e nem a autoridade de legislar a educação das crianças). Como dissemos acima a centralidade da estruturação das relações familiares e parentais para essas mulheres configura-se como um elemento norteador de suas práticas e de sua referência como pessoa, o que faz com que elas “ludem” para criar esse ambiente de família. O que se torna particular são as formas como essa composição vai se realizando.

O desafiador é entender como as relações privadas se organizam, pois a instabilidade dos papéis e dos centros de poder (referentes a autoridade dos pais) vão se apresentando. Dumont lança a possibilidade de se entender essas relações de troca na família a partir da hierarquia como a matriz lógica e organizadora desse complexo. A diferença como elemento estruturante das relações opera organizando os níveis entre a parte e o todo de um conjunto que se configura ora como idêntico, ora como contrário. Os níveis hierárquicos desta forma conduzem a uma assimetria entre o superior-englobante e o inferior-englobado, como no caso homem-mulher. Na análise de Dumont,

ainda é possível apontar que a posição hierárquica produz outros níveis, que permitem ao inferior demandar certo domínio no interior de um determinado contexto, a exemplo, a figura da mãe de família, que por mais inferiorizada que seja por seu sexo frente a determinados olhares, não deixa de exercer certo domínio no interior da família.

“Isso é assunto de comadres!”

Foi com essa afirmação que em uma das noites frias de maio começamos o assunto das comadres. Silvia e Selma conversavam sobre a filha recém-nascida de Suzi, pois seu batizado acabara de ser realizado no fim de semana. A avó foi madrinha junto ao padrasto. Selma possui três filhos, Suzi quatro e Silvia dois. Ao todo são nove crianças batizadas. Selma é a mais velha, Suzi a do meio e Silvia a caçula. O assunto rapidamente passou para me explicar quem era comadre de quem. Sacaram seus celulares apresentaram fotos de toda a prole, de sua mãe e padrasto. Na confusão entre nomes e apadrinhamentos pude entender quem foi batizado pela irmã que se tornou comadre. Vamos tentar organizar minimamente. 1) Selma deu como afilhado seu filho mais velho a Suzi. 2) Suzi em retribuição deu a filha a Selma. 3) O terceiro nascimento foi o filho de Silvia que foi batizado por sua mãe. Na segunda leva de crianças, 4) Selma deu o filho em batismo a uma amiga, 5) Suzi deu seu filho a Silvia. 6) Silvia deu a menina para Selma batizar. 7) Selma deu uma filha em batismo a mãe, 8) Suzi deu a filha em batismo a sogra 9) A mais nova sobrinha, filha de Suzi, foi batizada pela avó. As irmãs comadres parecem ter seus laços de ajuda/reciprocidade mais apertados como é o caso da filha de Selma, afilhada de Suzi, que foi morar na casa da madrinha por ter se desentendido com a mãe por conta do abandono escolar. De acordo com Lanna (2008)

“no compadrio intrafamiliar, temos um *"accrescimento di senso"*, para usar expressão de Valeri (1979), mas à qual não podemos dar sentido funcionalista; não é que a uma relação de parentesco se sobreponha uma de parentesco espiritual, mas há transformação no modo como a relação é vivenciada, com um acréscimo de respeito.” (Lanna, 2008:6)

Dentre as histórias contadas naquela noite e em outras, pude perceber que a madrinha tem a função de protetora de seus afilhados, em troca dessa proteção as mulheres me disseram do medo em desagradar suas madrinhas, pois cultivam nelas um lugar de escape, bem como uma fonte possível de presentes. As duas contavam as histórias rindo das ameaças que entoavam a seus filhos dizendo que contariam tudo para

a madrinha e que ele teria como ressarcimento de sua má ação uma bela reprimenda. As mulheres contaram-me também desse respeito que os netos nutrem pela figura da avó, o fato de morar em outra cidade, faz de suas visitas, momentos esperados por todos, pelos presentes, doces e sua figura risonha. A idéia da visita da avó é permeada justamente pelo descrito por Lanna (2008)

O padrinho deve também, como o chefe primitivo, idealmente ser generoso: no passado se exigia que ele desse ao afilhado um animal, bezerro ou carneiro. Mas o padrinho preferencial de uma família modesta de São Bento não é um grande patrão e sim alguém ligeiramente mais rico, e dentre estes, alguém atípicamente generoso. Em geral, trata-se não de empresários empreendedores mas de pessoas bem empregadas, que não desejam fortemente acumular. Luis Magi, por exemplo, que tinha mais de 40 casas e 13 barcos pesqueiros em Caiçaras, era tão mesquinho que as pessoas imaginavam ter feito pacto com o diabo e não coincidentemente tinha apenas um afilhado. (Lanna, 2008:7)

As relações entre as irmãs refletem essa troca e uma assimetria entre afilhado e padrinho, além de acrescentar um sentido mais estreito as relações entre os membros da família. A avó funciona como uma madrinha coletiva, pois as crianças que foram dadas ao cuidado de amigas, segundo as mulheres, não recebem visitas, sequer presentes de seus filhos. E a avó não faz diferença entre eles. Assim como Lanna (2008), a relação de compadrio instaura uma série de desequilíbrios entre as partes. A criança, enquanto dádiva, estabelece uma serie de prestações e contraprestações, “Se o dom mais valioso que os pais biológicos podem fazer é o do seu filho, ou de alguns direitos ligados ao seu filho, o afilhado pode dar mais dele mesmo, seu trabalho. (Lanna, 2008:03)

A segunda, Jéssica tem por volta de 27 anos, oriunda de uma cidade paranaense, pertence também à classe popular. Ela está na prostituição, já por volta de 8 anos. Foi casada e dessa relação teve dois filhos, com idades próximas a 12 e 13 anos, que residem com seu ex-marido e com a mãe dela, ela não tem contato com os filhos biológicos. Há cinco anos, conheceu uma família e “adotou”⁶ o filho do casal, um menino de 4 anos. Os quatro residem na mesma casa (a criança, os pais do garoto, Jéssica e atualmente, a namorada de Jéssica). Para tanto, ela assumiu todas as despesas da casa e da criança (como vestuário, educação, lazer, saúde, dentre outros dispêndios oferecidos).

⁶ O uso do termo “adotou” não se refere a tramitação jurídica, mas uma adoção sentimental.

Outro ponto de estudo, que se pode eleger nesses casos é o sentimento afetivo da mulher-mãe, descrito no segundo caso, um amor materno “não-natural”. Tem-se uma família constituída pelo casal e filho e, agregada a esta família, encontra-se o exemplo do que se quer ilustrar. Quando a mãe do menino engravidou, Jéssica tomou para si a gravidez da jovem, ao propor que esta seguisse com a gestação, pois não precisaria se preocupar com as despesas que ela pagaria. A criança diz ter “a mãe da barriga” e a “mãe do coração”, a segunda referindo-se a entrevistada. Um marco nessa história é a mudança de residência, quando a mãe do bebê engravidou, todos (Jéssica e os pais da criança) residiam em um hotel. A mãe da moça grávida era proprietária do estabelecimento. Com a venda do hotel e a partida da mãe para outra localidade, a entrevistada tomou para si as despesas de uma casa para se acomodar, bem como ao casal e o filho e posteriormente sua namorada. Como dissemos, os filhos consangüíneos foram rejeitados por Cássia, devido a desentendimentos pessoais entre sua mãe, o marido e ela, mas ela assumiu uma maternidade por afinidade, chefiando a casa como provedora do lar.

Isso se constitui como mais um dado relevante para esse artigo, à medida que propõe um questionamento do sentimento materno pelos seus consangüíneos como algo da natureza feminina. Esse exemplo subverte e provoca nosso modelo de amor materno, na proporção que a relação mãe-filho trabalha em outra freqüência. A criança atribui a maternidade a duas mulheres, possui uma referência masculina, que não se comporta como a autoridade, o chefe da família.

Conclusão

Sinto que agora minhas “nativas” sentem-se mais a vontade com a minha presença na rua, ao contrário, do que acontecia no início da pesquisa de campo, o que faz com que um novo fôlego inspire as observações. Acredito que a proximidade deve ser vista como um elemento que produzirá bons resultados, pois já passamos pelo período de “estranhamento”, desenvolvendo agora o período de “reconhecimento”. Não sei se o acesso as residências será uma meta alcançada, tendo em vista o que representa ter acesso a intimidade das pessoas em seu nicho doméstico, mas isso será alvo de minhas tentativas.

A Antropologia tem sido um exercício de conhecimento valoroso, tendo em vista, minha formação sociológica. Ora o trânsito, ora a imbricação entre essas formas de conhecimento, através dos diálogos e debates entre os autores já conhecidos e os novos contatos, fazem crescer meu leque de entendimento e interpretação dentro das ciências

sociais. Esse texto é o primeiro rebento desta transição e imbricação, desse deslocamento do olhar, para tanto é possível perceber ares de uma semi-socióloga e semi-antropóloga nas formas e conteúdos. O que faz com se tenha, como resultado do relatório, esta parcialidade de todos os seus elementos: do campo, do meu olhar de pesquisadora, do conteúdo bibliográfico, entre outros.

Referências Bibliográficas

BACELAR, J. A. **A Família da Prostituta**. Ensaios 87. SP, Ática e Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro. Garamond Universitária, 2005.

BEAUVOIR, Simone. As Estruturas Elementares do Parentesco, de Claude Lévi-Strauss. Trad. Marcos Lanna e Aline Iubel. In: **Cadernos de Campo**, 2007. p183-189.

_____, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2v.

BOURDIEU, P.A **Dominação Masculina**, Rio de Janeiro, Bertrand, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2003

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

DELICATO, Claudio T. Faces de Marília: a moradia em um condomínio horizontal. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais). Marília: UNESP FFC, 2004.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DUMONT, Louis. **Homo hierarchicus: O sistema de Castas e Suas implicações**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca, São Paulo: EDUSP, 1992.

ELIAS. Norbert. **O Processo Civilizador: Uma história dos costumes**, vol1. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1994. 2v.

FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo**. São Paulo: USP/FAU, 1989.

FONSECA, C. L. W. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista de Estudos Feministas**, v. 4, n. 1, p. 7-34, 1996.

_____. Amor e família: as duas vacas sagradas. In: **Desafios em Processos Contemporâneos**, Rio de Janeiro, 1992.

_____. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. In: **Dossiê Famílias em Movimento**. Campinas: Cadernos Pagú 29, 2007, p. 9-35.

_____. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. “Cavalo Amarrado Também Pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro”.
In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 15, ano 16, fevereiro de 1991.

_____. “A mulher valente: gêneros e narrativas”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*,
1995.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade. I. A vontade do saber.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.

FREITAS, Renan S. “Prostitutas, Caftinas e Policiais: A dialética das ordens opostas”. In:
DADOS - Revista de Ciências Sociais, v. 27, n. 2, 1984.

_____. *Bordel, Bordéis: negociando identidades.* Petrópolis, Vozes, 1985.

GAJARDO, Marcela. “Pesquisa participante: propostas e projetos” in: **Repensando a pesquisa participante.** Carlos Rodrigues Brandão (org). São Paulo: Brasiliense, 1985

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade.** São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.

LANGENEST, J. P. B. **Mulheres em leilão: um estudo sobre a prostituição no Brasil.** Rio de Janeiro: Agir Ed., 1973.

_____. *Lenocínio e prostituição no Brasil.* Rio de Janeiro, 1960.

LANNA, M. **Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva.** Versão de artigo publicado em *Revista de Sociologia e Política – UFPR*, 2000.

_____. “A estrutura sacrificial do compadrio: uma ontologia da desigualdade?”
ANPOCS, Caxambu, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A família”. In: **O olhar distanciado.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1982.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem.** RJ: Vozes, 1973

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção de “eu”. In : **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

_____. “As Técnicas Corporais”. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969

MEDEIROS, Regina de P. **Hablan las Putas – sobre práticas sexuais, preservativos y SIDA em el mundo de la prostitución**. 3ª edição. Bilbao. Vírus/Crónica, 2002.

MORAES, Aparecida F. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

PASINI, Elisiane. **Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000

_____. **Os homens da vila: um estudo das relações de gênero num universo de prostituição feminina**. Tese de doutorado (Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005

PATEMAN, Carole. O que há de errado na prostituição?. *In: O contrato Sexual*. Trad: Marta Avancini, Rio de Janeiro: Paz e Terra,

PELUCIO, Larissa. Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. São Carlos: UFSCar, 2007. Tese de doutorado.

PERLONGHER, N. O. **O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo**. SP, Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, A. Re-criando a (categoria) mulher? *In: ALGRANTI, LEILA M. A Prática Feminista e o Conceito de Gênero*. Campinas: Textos didáticos, IFCH/UNICAMP, 2002.

_____. **Apresentação: gênero no mercado do sexo**. Cadernos Pagu nº 25. Campinas, 2005.

RAGO, Luzia M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**, Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991

SARTI, Cynthia A. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2004

_____. **A família como espelho**. Um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados Ed., 2003.

VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência**. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor,1999

WOORTMANN, K. **A idéia de família em Malinowski**. Cadernos de Campo UFPR, 2002, pp 8-34.